

### RECESSO e TRANSPORTE

Neste final do ano de 2013, tem sido na Vila Dois Rios um transtorno com a penúria no meio de transporte da Associação de Moradores, pois está sendo a maior prova de fogo. Pode-se imaginar nos limites da saída e do regresso neste vale de sonhos, um encontro de muita luta pelo chão, a superlotação do único coletivo em consequência do Recesso do CEADS. Naqueles primeiros dias havia um impasse, depois o Ezequiel, abriu mão:

– Não, disse-me ele, marca todo mundo, assim eu fui fazendo de conta que estava tudo bem. Sobrava gente que vinha a mais marcar passagem, não havia vaga para todos. Ia

encaixando um aqui, outro ali: Formando um ônibus e uma caminhonete lotados de morador e parentes sem contar os vínculos de amigos. Até ver quem ficava de fora. Por fim sobrava um cara a pé. Ou ia buscar depois. Levava um tempão para absorver todo mundo e agradar todo mundo que mora aqui trazendo gente sua a passar dias. E, depois voltar era outra maratona. Vai, não vai. Colocava na outra viagem os caras e assim ia todo mundo viajando aos poucos. Até que acabou o recesso. Mas nos ficou uma lição de vida.



– A gradativa compreensão de que a luta pelo transporte neste pedaço de chão deixou-nos atordoados naqueles primeiros dias sem o CEADS. Talvez muitos dos que o em boas contas o julgassem de fato insubstituível. Como, de outrora (tempo do coração, o nome está dizendo): o “Presídio” através das palavras da gente da vila pôde surgir esse

torrão tão amado que nos justifica e faz com que a Vila Dois Rios seja mais do que um aglomerado de gente? Porque, do passado vindo a origem da palavra e, a Vila referindo o que fazia o Presídio é uma prova de que a Vila atingiu ponto avançado na história própria da sua “População”.

E a região chega a este nível de disputa, como era natural que chegasse, através da preferência nacional, da hospitalidade, não alvo para simples matéria de admiradores da

beleza contida na natureza, mas a dos criadores e dos que reinventaram a realidade de lazer na Vila Dois Rios.



É na Vila Dois Rios que compreendemos, em seu sentido pleno e total, a morada tranqüila. Tal como a defende o “Vivente desta Terra”, a tese base de um avanço nos tempos difíceis, a estrutura de tudo, não como volta ao velho colonialismo filosófico, mas como compreensão de novas realidades – novas e dinâmicas – e como resultado de uma visão estrutural e estrutura das coisas de hoje.

No momento em que, no espaço compreendido: Vila Dois Rios, me postei diante do problema dos transportes, no raiar deste janeiro de 2014, pensei num velho ônibus do IPCM o “Cata Cornos”, lembrei-me das lotadas que ele havia enfrentado – reminiscência me traz os diversos predicados que ele tinha, como: tremuleto, geringonça, mutante -, recordei as sínteses novidadeiras da gente do Cadeião e da região proletária dos presos colonos-livres, seus filhos, mulheres e visitantes que também padeciam com aquele sistema de transporte anormal.

Havíamos tido bons e também ruins sistemas de transportes, por meio deles, ganhamos chão e ar. Firmes e fixos. Que de colônias se fizeram os nossos mundos:

– Colônia, colonial, coloniais que a expressividade da giria, já agora esquecida, apagou rapidamente e instantânea-mente no momento em que o Povo deixou, de usa-a e, a cita-a, não apenas para que os termos engenhados, pelo tempo apagasse a realidade, mas para que a faceta toda viesse preencher os vazios do nosso tempo, substitui a ida pela vinda.

Encarando como encarou. O transporte como que nos criaram a todos de novo, deu suporte de maior firmeza à Vila, como povoado livre – desgarrado fazendo-se bons e refinados significados da história do povo de Dois Rios que, é também a do Presídio na Ilha Grande. Fez dele uma mostra, um acervo, um documentário, deu sentido estruturalmente prisional, estruturalmente

“do tempo do Presídio”, sínteses recheadas de vários tempos. Estruturalmente os personagens compunham, decompunha, recompunha, inovando, mas sem perder as raízes da filosofia que, em certos cartazes do legado – Museu -, parece nos levar, a Nestor Veríssimo e trazer de volta um ritmo final que, ao longo de todas as mudanças, jamais os atores perderam de todo.

Entre uma fala e outra, entre uma e outra ação de suas histórias, a palavra dos personagens pode vestir uma roupa nova, mas continua sendo a mesma história, a mesma palavra dando força aos personagens e criando, como na implosão no final e na gente

que restou do Presídio da Ilha Grande, um ambiente de explosão \_ extraordinário vigor do cenário. Porque a verdade é que o ator não nos deixa esquecer que as suas palavras estão narrando e conseguem fazê-la dando a impressão no que se repetem, porque sua visão de narrador está coesa com a história vivida na realidade que acompanhou de perto as longas caminhadas, as lutas, os amores, os casamentos, os nascimentos, as mortes, os atos de coragem, os fracassos, as paixões aparentes com toda certeza veementes. Basta ouvir para isso o velho Lupércio, o Pedro, o Sr. Júlio de Almeida e outros.



Vinte anos depois da implosão do Presídio que se completa em março, podemos sentir sua presença se assenhorear do imaginário popular de todos nós. E é curioso como a palavra “Presídio” nos pega pelo cangote e não nos larga mais. Desde que o Dr. Leonel de Moura Brizola, transformou os feitos da velha ditadura numa tragédia material e histórica, nunca mais nos livramos da consciência de que permanecemos separados entre o passado e o presente, esses anos em

que os governos – federal e estadual – não funcionam por aqui a contento. Vivemos entre os dois tempos, com a largueza de significados que a palavra “Presídio” continua tendo. E é para isto que existe historiador. Para mostrar, denunciando ou não o mau feito. Vila Dois Rios, Abraão (Penal), Alcatraz. E historiadores como Myrian Sepúlveda e Graciliano Ramos arrancam da pesquisa e de si mesmos, de nós, do Brasil, do mundo todo, de nossa estrada,

de nossos 2 rios e nosso chão, de nossa convivência com a terra, uma vila que reconhecemos como nossa e pela qual nos pusemos a lutar.



O ano de 2014 está chegando e permitirá que, continuemos a nossa luta como representantes dos aspectos diversos de nossa realidade de transporte sobre carregado. A novidade é a superlotação em consequência do Recesso do CEADS que, tem sido nesta segunda quinzena do mês de dezembro, a causa maior de muitos transtornos e impasses por aqui: como abalo psicológico, perturbação da ordem e da disciplina, desorientação, atordoamento das famílias que, só se acalmaram quando pode ser acolhidas, com certeza, pela Associação de Moradores, mas isso com muita dificuldade, porque o CEADS deixou a Vila sem está preparada para uma parada total dos meios de transportes, ou seja, sem fazer, o Recesso de forma planejada para continuidade dos meios de transportes da comunidade. A situação foi salva! Porque a Associação havia reformado uma

caminhonete, dita: Branca, esta foi a solução. Então, nestes dias os distúrbios de humor foram tão grande que, se caracterizou pela alternância entre episódios de extrema euforia e de depressão profunda. Das pessoas planejando as compras e a vinda de familiares à Vila Dois Rios.

As críticas ao CEADS/UERJ, eram comuns no período do "Recesso". Tudo parado no pátio, as viaturas que podiam está circulando; pelo menos uma delas, podia circular para aliviar a super-carga do ônibus da Associação; correndo-se com isso, o risco de acidente na estrada naqueles dias por falta de manutenção, porque não dava tempo, e para agravar a situação não havia nenhuma máquina para cuidar da estrada e o carro com isso sofria, precisando de manutenção mecânica, pois ficaram perigosas as viagens.

Mas o CEADS/UERJ quis assim, com a graça de Deus tudo deu certo e nenhum acidente fatal ocorreu. Com transporte de massa não se brinca, pois a coisa fica feia, principalmente no final de ano quando mais se precisa de transporte. Neste episódio todo,

falta uma resposta adequada da concessionária da área que, desde 1977 administra a Vila Dois Rios com a responsabilidade de locomoção que dá vida à comunidade.



— O recesso pode ocorrer. O problema é ela (a concessionária) não ter uma resposta para isso, não ter um plano estipulado, para caso isso aconteça. Talvez, falta uma coisa simples, que é um diálogo, uma comunicação direta à comunidade antes da paralisação total do órgão gestor. Depois precisa de uma resposta imediata para retomar a credibilidade; tem de haver também um esquema de ônibus acionado e, por último. Tem de chamar as famílias antes que elas fiquem estressadas e, não deixar sem uma explicação. Olhe que esta prática de paralisação do CEADS está só começando aí vem: o carnaval, a Semana Santa, o dia 12 de outubro e depois o Natal e o Ano Novo. Se a moda pega, a Vila Dois

Rios terá um desamparo, toda vez das grandes movimentações de massa nos feriados, por ocasião em que a grande corrente social vinda das cidades procura a Ilha Grande, fatalmente chegará à Vila e encontrarão a comunidade desamparada pela gestora, contrariando o que prega o Termo de Sessão nº. 21. Tudo nós fizemos para que a população de Dois Rios pudesse passar Natal e Ano Novo em paz: Trocou-se de motorista (revezaram), trocou-se de mecânico, trocou-se de horários, disto e daquilo outro, abandonou-se a casa e ganhou a estrada em busca de morador e familiares que vieram passar Natal com seus parentes e ou também o Ano Novo.

Desdobramento total no transporte magrinho da Associação de Moradores, trabalhando pelo CEADS, como uma grande causa abandonada pelo seu inventor ou criador. O CEADS prometeu mas não cumpriu o seu compromisso com a Vila Dois Rios, pelo menos neste final de ano. Deixou a mingua, famílias e funcionários seus próprios, que cuidam com zelo pela segurança, local de pessoas e patrimônio. Um simples funcionário do museu, se quis chegar à Vila ou sair,

dependia de carro e, este era o circulante da pequena Associação de Moradores que, manteve diante da demanda maior que é o transporte no final de ano. Não me resta dúvida que a Vila venceu sozinha sem o CEADS nestes dias últimos de 2013. Quero aqui deixar meus parabéns ao Sr. Ezequiel, Ao Sr. Marcos Caetano e ao Sr. Osias, cada um com um carro trabalhando para ver a Vila transpor o ano com normalidade.



Esta parada do órgão vital, da Vila Dois Rios, serve para estudo, para procurar entende-la. Não tem sido fácil. Em muitos casos, como nas outras ocasiões normais, a assistência convive com a miséria, característica em geral do lugar do difícil acesso onde o progresso ainda não deu sinais de presença. Se nossos olhos se debruçarem sobre a Vila e a estrada, então, a realidade é entristecedora. Pouco difere, por exemplo, do

que se deparou com o sofrimento logo após a implosão do Presídio. Hoje parece melhor, mas quem pode afirmar que os grandes problemas foram resolvidos? A falta de transportes adequados ainda é um terrível flagelo. As coisas aqui na Vila Dois Rios devem melhorar no ano 2016. É o início de uma nova administração e deve arrumar a casa um pouco. Para os moradores da região, prenuncia-se uma nova fase.

Por outro lado, no capítulo da formação: a Vila Dois Rios é formada por elementos de diferentes naturezas ou vínculo com as famílias; tem-se uma mistura heterogênea. O porquê aos feriados, como Natal, Ano Novo,

Páscoa e outros, a Vila é freqüentada por um público formado, de gente de toda famílias aqui residentes, de diversas idades, parentes, amigos etc.



Na hora do embarque na Vila Dois Rios, no dia 23 de dezembro de 2014 (segunda-feira), os moradores disputando uma vaga no micro-ônibus, para viajar com finalidade de fazer as compras de Natal em Angra dos Reis e regressar no final da tarde.

Fato é que às divergências de paralisação dito recesso, nos nossos entendimentos geram insegurança, que seja lá nada jurídico ou mesmo no caso daqueles que já respondem ações civis públicas ou daqueles que aguardam celebrar o Termo de Ajuste de conduta. Mas na verdade nós esquecemos a escalada da insegurança que assusta grosso modo à todos, não nos apagou o pulsar da vida em ritmo de Natal e Ano Novo -, comida, bebida, sol, mar azul e a alegria contagiante de sua gente feliz, originalmente resultante da mistura como disse

heterogênea. Com certeza, assim nossa apreensão foi embora. É claro que a praia encheu e todos que vieram à Vila Dois Rios se misturam com turista e não podia deixar de ir pegar um "bronze" legal. A água estava quente e o sol de rachar. A Vila virou uma delícia! Gente bonita, corpos "sarados" de todas as idades e cores. De noite andando pelas ruas da Vila marchetada de preto e branco ouvia o movimento do mar, em especial das ondas, enquanto via a Lua Cheia nascendo, enorme, luminosa, dourada, fazendo o seu caminho sobre Vila Dois Rios

e deixando seu reflexo prateado nas águas da baía. Como estava era uma Lua Cheia linda de morrer, de mexer com os sentidos a toda hora, de arrepiar pelinho no corpo todo, de provocar o imaginário e a saudade guardada no oceano do tempo, traziam os pilares da ponte entre o passado e o presente, que se revelaram fortes, sólidos, na grande realidade da sobrevivência. Somos nestes momentos transformados numa fortaleza de sentimentos tão nosso, que como numa corrente de lavas vulcânicas a invadir o nosso mar na ilha ou como a enxurrada que lavou a vila naquela noite de 16 para 17 de dezembro de 2010. Tudo são ausência e presenças, de sonhos, de

vãos alçados pelo imaginário *dos homens*, de esperanças misturadas aos anseios da descoberta deste nosso mundo aqui na Vila Dois Rios, finito e infinito. Cheio de histórias que eles contam, faladas e narradas em livros como os alguns que já estão por aí – “Os Porões da República” da nossa autora maior Myrian Sepúlveda no perpassar do tempo foram alimentadas por lembranças ou registros de memórias e vivências na Vila Dois Rios. Caminhos de tantas vidas marcadas por lutas, vitórias sua e de quantos os antecederam na ciranda dos dias de um berço medonho: a prisão. Na vila, um lugar muito transado e centro das atenções de



historiador, jornalistas, políticos, escritores, artistas popular, gente que faz a vila acontecer às gerações, faz encontrar e sentir que esta comunidade sofrida tem um ingrediente que assegura a sua continuidade e o seu legado cultural, depositado confiante o seu patrimônio espiritual nas mãos de uma malta amadurecida que com certeza não vai deixar a vila cair.

Uma geração que chega ao século XXI trazendo de seu passado comum elementos

confirmativos, para a construção do seu amanhã. É penas que estamos no *litoral* como os que estão no *sertão* do país, regiões em que os governos federal e estadual não funcionam. É por isso que precisamos está denunciando, arrancando de nós mesmos, dessas regiões, de nossos rios e nosso chão, de nossa temporalidade, uma vila que reconhecemos como nossa e nos arrancam, dela, pela qual temos que luta, luta, luta o que merece. Recesso não, transporte sim.

#### EXPEDIENTE

O TEXTO e as ILUSTRAÇÕES – são da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, nº. 09, Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ.